

Pedagogia narrativa, saberes didáticos e tessituras curriculares na formação inicial docente

Joelson de Sousa Morais¹ 

Resumo

Este texto foi tecido, como um ensaio teórico-reflexivo e interpretativo, em que foram postuladas reflexões no campo da constituição do campo da Pedagogia e da formação de professores(as), entrelaçadas com as abordagens narrativas e (auto)biográficas. Os objetivos buscaram compreender o desenvolvimento de uma Pedagogia narrativa na formação inicial de professores(as), bem como pensar acerca das contribuições das abordagens narrativas e (auto)biográficas na tessitura de saberes didáticos e curriculares na formação e na prática docente no cotidiano escolar. Como lições deste estudo, vale ressaltar que a Pedagogia narrativa na docência universitária no contexto da formação de professores(as) é aquela que se tece, por meio de processos didáticos e metodológicos com os usos das abordagens narrativas e (auto)biográficas, as quais primam por uma reflexividade em que a própria pessoa possa ser autor(a) e ator(atriz) da sua história ao contar e a narrar de si, e, em diálogo com o outro, tomando consciência dos percursos trilhados, impulsionando descobertas pela narração e permitindo (re)invenções de si, do(a) outro, da sua prática pedagógica e de outros tantos contextos, temporalidades e de experiências pelos quais tenha passado ou construído.

Palabras-chave: Abordagens narrativas e (auto)biográficas, Pedagogia, Formação de Professores(as).

Narrative pedagogy, didactic knowledge and curricular textures in initial teacher training

Abstract

The text is woven as a theoretical-reflexive and interpretative essay in which reflections are postulated in the field of constitution of the field of pedagogy and teacher training intertwined with narrative and (auto)biographical approaches. The objectives of the text seek to understand the development of a narrative pedagogy in the initial training of teachers, as well as reflect on the contributions of narrative and (auto)biographical approaches in the weaving of didactic and curricular knowledge in training and in everyday teaching practice. school. As lessons from this study, it is worth highlighting that narrative pedagogy in university teaching in the context of teacher training is one in which it is woven through didactic and methodological processes with the uses of narrative and (auto)biographical approaches, in which excel in a reflexivity in which the person himself can be the author and actor of his story by telling and narrating himself, and in dialogue with others, becoming aware of the paths taken, driving discoveries through narration and allowing (re)inventions of oneself, of others, of one's pedagogical practice and of many other contexts, temporalities and experiences that one has had or constructed.

Keywords: Narrative and (auto)biographical approaches, Pedagogy, Teacher training.

Pedagogía narrativa, saberes didácticos y tesituras curriculares en la formación inicial docente

Resumen

El texto se teje como un ensayo teórico-reflexivo e interpretativo en el que se postulan reflexiones en el campo de constitución del campo de la pedagogía y la formación docente entrelazadas con enfoques narrativos y (auto)biográficos. Los objetivos del texto buscan comprender el desarrollo de una pedagogía narrativa en la

¹ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Codó-MA, Brasil. E-mail: joelson.morais@ufma.br

formación inicial de docentes, así como reflexionar sobre los aportes de los enfoques narrativo y (auto)biográfico en el tejido de saberes didáticos y curriculares en la formación y en la enseñanza cotidiana. práctica. Como lecciones de este estudio, cabe destacar que la pedagogía narrativa en la docencia universitaria en el contexto de la formación docente es aquella en la que se teje a través de procesos didáticos y metodológicos con el uso de enfoques narrativos y (auto)biográficos, en los que sobresalen una reflexividad en la que la propia persona puede ser autor y actor de su historia contándose y narrando a sí misma, y en diálogo con los demás, tomando conciencia de los caminos recorridos, impulsando descubrimientos a través de la narración y permitiendo (re)invenciones de sí misma, de los demás, de la propia práctica pedagógica y de muchos otros contextos, temporalidades y experiencias que uno ha tenido o construido.

Palabras clave: Enfoques narrativos y (auto)biográficos, Pedagogía, Formación docente.

| PALAVRAS INICIAIS

A velocidade com que vem mudando a sociedade, no último século, fruto dos avanços tecnológicos, do acesso ao conhecimento e à informação, e da aceleração das economias, no bojo do capitalismo global e internacional, influencia, sobremaneira, a formação das pessoas, na sua constituição e na profissionalização em escalas sem precedentes e com diferentes intensidades e transformações.

No campo da educação, os reflexos desses movimentos de mudanças sociopolíticas e culturais, são cada vez mais visíveis, sentidos e representados, de modo a questionar os padrões existentes, os que surgem e podem ou não contribuir para a constituição subjetiva e formativa das pessoas. Ao mesmo tempo, tais acontecimentos podem encontrar soluções para as problemáticas enfrentadas, que demandam esforços pessoais e coletivos em busca de novos sentidos da existência, da prática profissional e da formação docente em suas mais diversas possibilidades viáveis de alternativas sobre o ensinar e o aprender.

Nesse jogo plural de mudanças ocorridas e que estão por vir, de forma cada vez mais rápida, e, sob diferentes prismas, faz-se mister discutir o contexto da Pedagogia e da formação de professores(as), que vem sofrendo as metamorfoses de um campo formativo, em busca da sua consolidação, face aos múltiplos desafios e possibilidades enfrentados pelas políticas públicas na área: os currículos de formação propostos e os projetos realizados, alguns instituídos e outros idealizados em suas mais diferentes perspectivas no campo.

Se “[...] é a Pedagogia que confere os significados, valora e baliza o sentido educativo da contribuição das outras ciências” (Pimenta, 2010, p. 24), cabe, portanto, endossar um debate na área, que tem grande valor e sentido na formação de professores(as) no mundo atual e que é mais do que necessário o seu entendimento e a conscientização daqueles(as) que buscam a Pedagogia como curso, vida, formação e profissão.

Ao trazer uma discussão dessa complexidade, situando o campo da Pedagogia, como campo de conhecimento, ciência da educação e a necessidade de trazê-la com maior relevância e implicação nos processos de formação de professores(as), algumas questões emergem, nessa esteira de

pensamento, quais sejam: o que cabe à Pedagogia? Quem é o(a) pedagogo(a)? Como pensar a formação de professores(as) com as contribuições da Pedagogia nesse processo?

De forma mais específica, e buscando entrelaçar tais questões com a proposta do tema deste texto, poderiam, ainda, se somar a problematização das seguintes provocações: como se desenvolve uma Pedagogia narrativa na formação inicial de professores(as)? Que contribuições ela traz no contexto da aprendizagem profissional da docência? E como desenvolvê-la, de modo a alcançar que os processos educativos, pedagógicos e formativos sejam concretizados na didática docente de forma qualitativa?

Enfim, são as questões iniciais para pensarmos e que, de alguma forma, pretendo ir delineando as suas reflexões, ao longo deste texto, problematizando-as e trazendo diferentes concepções, pontos de vista e críticas.

Os objetivos do texto buscaram compreender o desenvolvimento de uma Pedagogia narrativa na formação inicial de professores(as), bem como refletir acerca das contribuições das abordagens narrativas e (auto)biográficas na tessitura de saberes didáticos e curriculares na formação e na prática docente no cotidiano escolar.

Inicialmente, cabe elucidar, em consonância com a propositura temática do texto, que “Propor uma Pedagogia narrativa para a formação de professores significa abraçar o processo pelo qual os alunos compõem e reconfiguram seus conhecimentos, a partir de suas histórias” (Contreras; Quiles-Fernández; Paredes, 2019, p. 66. Tradução livre).

O texto foi tecido como um ensaio teórico-reflexivo e interpretativo, em que foram postuladas reflexões no campo da constituição do campo da Pedagogia e da formação de professores(as) entrelaçadas com as abordagens narrativas e (auto)biográficas. O texto trata de reflexões que puderam situar os usos didáticos e metodológicos das narrativas nas práticas de ensino no cotidiano de professores(as), e suas possibilidades formativas, vislumbrando suas contribuições nos processos de aprender e ensinar com os usos desses dispositivos.

Um sobrevoo pela história da educação mundial aponta relevantes contribuições de insígnies pedagogos e pedagogas que muito contribuíram para a construção e a consolidação da Pedagogia em seus diferentes modos de saber e fazer didaticamente com crianças e jovens, de modo a educá-los, ensiná-los e desenvolver métodos de ensino adequados às necessidades e pertinentes às pessoas na sociedade e na educação. Alguns desses nomes podem ser citados, devido ao relevante estudo produzido pelo pedagogo francês Jean Houssaye (2013), revelando os contributos do desenvolvimento de uma Pedagogia em diferentes séculos, a partir de Rousseau, Pestalozzi, Dewey, Decroly, Montessori, Makarenko, Freinet e outros.

É válido salientar que a Pedagogia e a formação de professores(as) pedagogos(as), como um campo teórico e epistemológico vem, ao longo da história da educação no Brasil, se consolidando e adquirindo maior legitimidade pelas contribuições de pesquisadores(as) que se debruçam de uma

forma mais aprofundada sobre o campo. Alguns desses nomes, podem ser retratados, tais como: José Carlos Libâneo, Selma Garrido Pimenta, Maria Amélia do Rosário Santoro Franco, Nilda Alves, Dermeval Saviani e outros(as) tantos(as) que vêm ampliando o debate e dando visibilidade à área.

Uma das significativas citações de um desses autores, que reforça o papel da Pedagogia, reflete que “[...] o objeto de estudo da Pedagogia é a educação (ou, no plural, as práticas educativas), enquanto prática social que atua na formação e o desenvolvimento do ser humano, em condições materiais e sociais concretas” (Libâneo, 2012, p. 38).

Quanto ao gênero narrativo e (auto)biográfico, é válido salientar as contribuições de algumas referências que me acompanham em produções, reflexões, estudos e pesquisas e que são utilizadas neste texto, tais como: Marie-Christine Josso, Ivor Goodson, António Nóvoa, Conceição Passeggi, Inês Bragança, Elizeu Clementino de Souza e outros(as).

Nesse sentido, ressalto que “[...] o aporte (auto)biográfico apresenta uma natureza formadora, produz conhecimento e, potencialmente, pode constituir uma experiência de transformação pessoal e coletiva” (Bragança, 2012, p. 87).

Para tecer essas reflexões, pontuo duas perspectivas de discussão neste texto: a primeira discussão situa o campo da Pedagogia no que se refere à didática pensada e desenvolvida no cotidiano das escolas, espaço privilegiado de atuação, aprendizagem e desenvolvimento profissional da docência do(a) pedagogo(a), e o segundo reflete acerca da Pedagogia narrativa a partir dos seus princípios, proposições e finalidades situando-a no campo da formação inicial de professores(as), sobretudo, pensadas no curso de Pedagogia.

Muito do que trago neste texto condiz com a minha formação inicial, que foi em Pedagogia, e é fruto, principalmente, de construtos da minha experiência como professor nesse curso e outras licenciaturas que vêm me acompanhando, há uma década, entremeados a estudos, pesquisas e diálogos com professores(as) nos cotidianos escolares, em múltiplas relações estabelecidas, em que a alteridade faz coro privilegiado nesse entrelaçamento.

Outro fato relevante a elucidar é que as narrativas e autobiografias são dispositivos didáticos e metodológicos que vêm me acompanhando durante todo esse percurso em minha didática universitária, nas quais faço uso das escritas de si e outras formas de narração de histórias de estudantes dos cursos de licenciaturas, e em diálogo com professores(as) atuantes nos cotidianos escolares.

O texto está organizado em quatro momentos, no qual o primeiro é este com reflexões iniciais elucidativas do tema; na segunda parte, faço algumas reflexões acerca da constituição do campo da Pedagogia no contexto da formação de professores(as); na terceira, faço um elo entre autobiografia, didática e formação de professores(as), a partir das suas contribuições e entrelaçamentos, e, na quarta e última parte, reflito sobre algumas lições, como considerações.

O CAMPO (AUTO)BIOGRÁFICO, A PEDAGOGIA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS): HISTÓRIA, PERCURSOS E PERSPECTIVAS NO BRASIL E NO MUNDO

A proposta desta parte do texto é fazer uma reflexão acerca do campo das narrativas (auto)biográficas, da Pedagogia e da formação de professores(as), ao trazer conceitos, implicações, histórias e os percursos delineados em cada um desses campos, bem como as perspectivas sinalizadas, por meio de estudos e pesquisas que revelam essas dimensões.

Ao longo da história, é possível destacar alguns marcos, pelos quais cada um desses temas foi se tecendo e que apontou mudanças de sentidos, abriu outras possibilidades compreensivas e desvelou novas discussões, deixando para trás algumas interpretações e estudos que não se compatibilizaram em função das mudanças ocasionadas na cultura, educação e sociedade.

No que se refere ao campo da autobiografia, é válido salientar que, historicamente, ele surgiu com os estudos da sociologia com as histórias narrativas de autobiografias de camponeses que foram tematizadas nos estudos e pesquisas qualitativas desenvolvidas por estudiosos da escola de Chicago nos Estados Unidos no início do século XX, em meados da década de 1920. Depois desse tempo, houve um período que ficou na invisibilidade das pesquisas qualitativas, em virtude do bombardeamento do estudo de caso e das histórias de vida, e a intensificação das técnicas estatísticas, passando a se reerguer e ressurgir, ao final de década de 1970, e, mais fundamentalmente, na década de 1980, ampliando-se, consideravelmente, a partir dessa data até os dias atuais (Goodson, 2020).

Uma das potentes contribuições para a ampliação do campo das narrativas (auto)biográficas pode ser reportada aos trabalhos de investigação-formação na educação de adultos que surgiu na década de 1980, com os usos metodológicos das narrativas e histórias de vidas desses sujeitos, com os contributos da **corrente de Histórias de vida em formação**, a partir dos postulados de Marie-Christine Josso, Pierre Dominicé, Matthias Finger (na Universidade de Genebra/Suíça) e Gaston Pineau (na Universidade de Montreal/Canadá) (Josso, 2010).

No Brasil, o esboço da configuração do campo (auto)biográfico sofreu influências significativas da obra 'O método (auto)biográfico e a formação', organizado por António Nóvoa e Matthias Finger (2010), que chegou ao Brasil, na década de 1990, a qual trouxe relevantes contribuições de textos escritos na área de expoentes desse movimento no mundo. Outra relevante contribuição da expansão do campo diz respeito à criação de alguns grupos de pesquisa, ainda na década de 1990, no campo da educação, como é o caso do Grupo de Estudos Docência, Memória e Gênero (GEDOMGE), criado em 1994, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), a qual representa a primeira filiação do movimento (auto)biográfico em educação no Brasil. O terceiro movimento que permitiu sua expansão, diz respeito à realização do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica (CIPA), que teve seu primeiro evento realizado em 2004, por iniciativa da professora Maria

Helena Menna Barreto Abrahão, em Porto Alegre, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) (Passeggi; Souza, 2017) e que, atualmente, encontra-se em sua décima edição, com realização na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Salvador (BA) entre as datas de 19 a 23 de maio de 2024, sob organização do professor Elizeu Clementino de Souza.

Como aponta Nóvoa (2007), o sucesso das histórias de vida no campo narrativo e (auto)biográfico, a partir da década de 1970, deve-se aos enquadramentos de estudos e pesquisas que têm ficado distantes da realidade do professorado e das suas problemáticas cotidianas enfrentadas, negando a existência do(a) professor(a), como pessoa e profissional concebidos nesse período. Por isso, “[...] as histórias de vida têm dado origem a práticas e reflexões extremamente estimulantes, fertilizadas pelo cruzamento de várias disciplinas e pelo recurso a uma grande variedade de enquadramentos conceptuais e metodológicos” (Nóvoa, 2007, p. 19).

Ao explicitar essa visão história, nesse campo, cabe trazer o que estou compreendendo por formação de professores(as), bem como elucidar os conceitos de autobiografia, narrativa e histórias de vida, os quais adoto neste texto.

Já que este trabalho discute sobre a formação de professores(as), cabe refletir como estou entendendo essa formação, ou seja, entendo “[...] a formação como um movimento constante e contínuo de construção e reconstrução da aprendizagem pessoal e profissional, envolvendo saberes, experiências e práticas” (Souza, 2010, p. 158).

Dessa forma, “[...] a autobiografia é apenas a autorreflexão do homem sobre o seu percurso vital, uma autorreflexão expressa de maneira escrita. Tal autorreflexão, porém, renova-se em certo grau em todo indivíduo. Ela sempre está presente” (Dilthey, 2010, p. 180).

No que se refere à narrativa, trago um conceito expresso no contexto francófono, em que a autora usa o termo biográfico para definir tal perspectiva. Assim, enfatizo que “[...] a categoria biográfica poderia ser definida como uma categoria da experiência que permite ao indivíduo, nas condições de sua inscrição sócio-histórica, integrar, estruturar, interpretar situações e os acontecimentos da experiência” (Delory-Momberger, 2016, p. 138).

E no que se refere às histórias de vida, situo potencial reflexão que foi desenvolvida por Bragança (2012), ao trazer as diferentes concepções e áreas que as toma como escopo de estudo e pesquisa no contexto da formação de professores(as) e que é abordada, a partir das Ciências Sociais Filosofia, História, Sociologia e Antropologia. Conforme elucidada a autora,

A história de vida manifesta-se como movimento propriamente humano de dar sentido à vida e à sua historicidade. Constitui um enfoque teórico-metodológico que, rompendo com o paradigma lógico-formal, focaliza a vida, em suas tramas individuais e coletivas, como um lócus privilegiado de compreensão dos processos sociais e históricos (Bragança, 2012, p. 49).

Nesse sentido, a história de vida se compõe pela narração de histórias que são produzidas pela pessoa, mediatizada pela memória, experiência e formação que teve de acontecimentos vividos em diferentes temporalidades, e que são revelados em um enredo, por meio da reflexividade

narrativa, que passa a provocar a pessoa na tomada de consciência e à consequente transformação de si pela atividade de narrar.

Passo agora a explicitar algumas reflexões que situam o campo da Pedagogia e do papel do(a) pedagogo(a), relacionando-as com a formação de professores(as) em articulação com o que chamo de Pedagogia narrativa neste texto.

Em uma mirada historiográfica, é possível situar, acerca do surgimento da Pedagogia, data há mais de três séculos no mundo, na qual havia alguns propósitos educativos e pedagógicos de cunho instrumental e técnico em função da conjuntura social, política, religiosa e educacional da época (Cambi, 1999).

Em termos mais precisos, saliento que esse tipo de educação preconizada pelas instituições educativas da época permitia a formação de um sujeito que atendesse apenas aos ditames práticos da vida cotidiana, para dar continuidade ao desenvolvimento das sociedades. Como retrata a literatura de uma forma mais específica:

A história da pedagogia no sentido próprio nasceu entre os séculos XVIII e XIX e desenvolveu-se no decorrer deste último com pesquisa elaborada por pessoas ligadas à escola, empenhadas na organização de uma instituição cada vez mais central na sociedade moderna (para formar técnicos e para formar cidadãos), preocupadas, portanto, em sublinhar os aspectos mais atuais da educação-instrução e as ideias mestras que haviam guiado o seu desenvolvimento histórico (Cambi, 1999, p. 21).

Nesse sentido, a Pedagogia nasce, historicamente, como uma preocupação social, educativa, política e cultural visando à contribuição da formação e aprendizagem dos sujeitos de modo a viver em seu contexto, porém, uma formação ligada aos princípios clássicos que limitavam o exercício de uma capacidade crítico-reflexiva e transformadora da realidade, face ao contexto da época.

Em um relevante estudo, desenvolvido por Severo e Pimenta (2022), sobre a institucionalização acadêmica da Pedagogia em uma perspectiva histórica, aponta nomes significativos de intelectuais que contribuíram para a sua criação e desenvolvimento no âmbito das universidades europeias, contexto do qual emergiu. Conforme pontuam os autores,

Foram precursores da institucionalização acadêmica da Pedagogia Kant, catedrático na Universidade de Königsburg, na Alemanha, e seu sucessor Herbart, que ocupou a Cátedra de Pedagogia entre 1809 e 1833. Porém, foi no Império Austríaco que, em 1779, na Universidade de Halle, instituiu-se a primeira Cátedra de Pedagogia. Desde então, a Pedagogia tem sido objeto de reflexões sobre sua natureza teórica, disposta ora como teleologia da educação, derivada de especulações filosóficas notadamente humanistas, ora como ciência ou tecnologia da educação; como arte ou como ciência aplicada (Severo; Pimenta, 2022, p. 34)

Nota-se que, por meio dos movimentos de pesquisas e contextos profissionais iniciados por estudiosos vinculados às instituições educativas universitárias, foi fundamental para que a Pedagogia pudesse se consolidar e permitir o seu desenvolvimento, ao longo da educação em todo o mundo.

Na história da Pedagogia, para se firmar e se consolidar como ciência da educação, foi preciso um movimento teórico, discursivo, metodológico e epistemológico que pudesse situar a sua especificidade de tal modo que justificasse seus métodos, finalidades e seus campos de ação e contribuição. Segundo aponta a literatura a esse respeito,

A pedagogia, para se fazer ciência, precisou adequar-se à lógica que presidia a ciência da época e por isso implicou sistematizar sua ação prática, com base nas teorizações dos experimentos possíveis ao momento histórico, realizados e presididos por outros profissionais, inicialmente os psicólogos que, por força de sua formação, dominavam o manuseio de instrumentos experimentais (Franco, 2008, p. 31).

Foi preciso, então, que outros campos do conhecimento, que já tinham legitimidade e construído uma área do saber mais consolidada, pudesse falar no lugar da Pedagogia, tomar a sua voz e vez para poder alçar voos mais altos. Realidade, hoje, na qual se difere, absolutamente, dos seus enraizamentos, tendo em vista que o campo da Pedagogia ganhou muito mais força e visibilidade por profissionais, especialistas e pensadores(as) na construção dos seus referenciais, mediados por lutas, conflitos e consolidação do seu campo científico, com métodos, objeto de estudo, finalidades e campo de ação próprio.

Face ao exposto, é notório refletir que, entre as conquistas e as buscas de legitimidade, em favor da construção do estatuto teórico, metodológico e epistemológico da Pedagogia, foi preciso mobilizar uma constante reflexividade acerca da área, afinal de contas, para construir o seu campo científico, muitos(as) tiveram que pensar sobre a prática pedagógica, o papel do(a) pedagogo(a), as metodologias de ensino, bem como o público a ser atendido e os conteúdos a ensinar, entre outros tantos elementos. É válido ainda destacar que:

[...] Pensar a Pedagogia como campo epistemológico baseando a Pedagogia como curso de formação, inclui a docência, assim como a Didática, mas não se limita a nenhuma delas. Abrange, ainda, a pesquisa sobre e a partir da práxis educativa e sua reflexão crítica para a compreensão das diferentes manifestações e modos de realização do trabalho pedagógico (Lima; Carvalho, 2024, p. 18).

E qual relação é possível estabelecer com a história e a constituição da Pedagogia com o exercício da reflexão presente na formação de pedagogos(as) e no desenvolvimento profissional docente no âmbito das escolas, e a propósito da tessitura de uma abordagem narrativa e (auto)biográfica no campo?

É nesse movimento, de pensar sobre a prática, esboçar reflexões em narrativas e refletir acerca das lições e aprendizados construídos, que reside o potencial das abordagens narrativas e (auto)biográficas na formação de professore(as). Por isso, o uso desse dispositivo metodológico tem sido um meio privilegiado que vem se somando ao campo da Pedagogia, tendo em vista que faz o sujeito pensar sobre si, sua formação e as buscas de sentido da vida, dos seus percursos formativos trilhados que aparecem nas narrativas, em muitas das quais emergem as histórias de vida das pessoas, acerca dos acontecimentos vividos que foram mais significativos para si, e as tomadas de consciência e (re)direcionamentos dos seus projetos existenciais, deixando para trás contextos que não fazem sentido para o sujeito.

Por isso, o processo de reflexão praticado pelo(a) professor(a), antes, durante e após a sua prática, faz toda a diferença na qualidade da aula, do seu trabalho realizado e das relações estabelecidas na sua prática pedagógica. Nesse processo de reflexão docente, cabe enfatizar que

[...] é necessário que o professor reflita sobre sua prática e rompa com aspectos imobilizados que, porventura, estejam dificultando ou gerando uma visão nebulosa de sua constituição como profissional da educação. É nesse processo reflexivo de forma dinâmica que vai se (des)construindo a identidade do professor que é pesquisador de sua própria prática (Castaman; Junges Júnior; Vieira, 2020, p. 16)

O fato do sujeito se munir de uma reflexividade no contexto das pesquisas narrativas (auto)biográficas é tecer um saber didático e curricular, que vão permitindo processos de (re)criação, inventividade e construção de outros tantos saberes, conhecimentos e experiências pela narração de histórias de professores(as), como dos(as) estudantes, pois alia a vida, a formação e a profissão em um mesmo contexto que se projeta no contar de si e de si com o outro.

Desse modo, “[...] através da pesquisa (auto)biográfica, o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, o qual se revela através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes, ao narrar com profundidade” (Souza, 2010, p. 163).

Quer queira ou não, a Pedagogia narrativa sempre aparece no convívio diário entre pessoas, e é uma prática recorrente no contexto da formação de professores(as) e nas práticas pedagógicas, seja na formação inicial docente, como no cotidiano das escolas em se tratando do desenvolvimento profissional. E como aparece essa Pedagogia narrativa? 1) Por meio de conversas e diálogos tecidos dos(as) professores(as) com as crianças, e vice-versa, quando um(a) e outro contam algo que aconteceu em seu cotidiano; 2) no relato das suas experiências, ao socializar o que fazem os(as) docentes para seus pares e outras pessoas e profissionais; 3) nos fatos revelados e narrados para pais/mães das crianças em relação ao seu desempenho, concernente ao processo de ensino e aprendizagem, e no modo como ouvem e são provocados(as) pelos(as) filhos(as) em seus diálogos constantes; 4) nas reuniões e planejamentos realizados na escola, quando narram algum acontecimento relacionado às suas práticas pedagógicas; 5) nos registros que realizam em seus diários sobre si, o que fazem, pensam ou idealizam fazer em sua prática; 6) no uso das redes sociais, quando registram em áudio, vídeo, escrita ou outros formatos, as suas experiências vividas; entre outros tantos meios, formas e dispositivos de narrar sua vida, experiência, aprendizagem, formação e profissão, com várias pessoas, em decorrência de uma diversidade de necessidades e para diferentes propósitos e justificativas.

Como é possível perceber, uma Pedagogia narrativa não é tão distante da nossa realidade, simplesmente, ela acontece, e que, às vezes, não conseguimos enxergar as suas potências, belezas, contribuições e modos outros diversos de aprender, formar, e pesquisar com as histórias de vida de si e do outro na contação e na narração de histórias que envolvem, implicam, fazem sentido e permitem dar continuidade à existência e a outros tantos projetos de vida que guiam e projetam os sujeitos em sua caminhada.

A Pedagogia tem um meio privilegiado de promover um conjunto plural e complexo de experiências narrativas no ensino, pesquisa e formação de professores(as) e alunos(as) em busca de tecer conhecimentos didáticos, curriculares e formativos, em uma perspectiva democrática, legítima, solidária e em busca da emancipação social.

O campo da Pedagogia e o contexto da formação inicial e contínua de professores(as), se tecem na criação de possibilidades outras e diversas em que são promovidos processos de aprender, conhecer, saber e formar, e com as narrativas esses meios se potencializam e viabilizam um tecido enriquecido que se pauta pela própria experiência do sujeito, o qual atribui mais sentido e significado aos percursos trilhados em sua caminhada de formação.

Professores(as) e alunos(as), ao primarem pelo recurso das narrativas na educação e formação (narrativas escritas, orais, imagéticas, pictóricas, musicais, literárias, poéticas, gestuais e etc.) acabam criando conhecimentos outros que possuem uma grandeza inestimável na constituição de saberes didáticos e curriculares. Em vista disso “[...] criar conhecimentos é tecer redes das quais fazem parte diferentes conhecimentos anteriores, práticas, experiências, percepções, inserções que constituem os sujeitos e circunstâncias sociais” (Oliveira, 2012, p. 70).

Nesse sentido, a Pedagogia é a base constitutiva e alicerce da educação, da didática e da constituição do ser, pensar, saber e fazer do(a) professor(a) em que se compõe em múltiplas experiências sobre o aprender, formar, ensinar. Envolve o social, político, econômico e cultural. Reflete-se no aspecto pessoal do(a) professor(a) e condiz com o tipo de ser humano que queremos formar, para qual sociedade queremos ter e para qual tempo, história e perspectivas almejamos contribuir. Enfim, “[...] a Pedagogia possui uma dimensão estruturante sobre a educação” (Pimenta, 2010, p. 24). Daí, a necessária e imprescindível contribuição que a Pedagogia traz à formação de professores(as) que a buscam, formam, aprendem e se transformam ao longo do processo formativo inicial e no desenvolvimento profissional.

É pertinente, então, perceber a dinamicidade da docência, os contextos formativos e movimentos didáticos e curriculares trilhados e tecidos na área, que são provocados na complexidade da educação que é objeto de investigação da Pedagogia e que coloca o(a) professor(a) em um processo constante de buscas do saber, ser, fazer e pensar a si, a prática pedagógica e outras tantas e variadas dimensões que o(a) atravessam, deslocam e geram outras tantas aprendizagens e construção de conhecimentos. A formação de professores(as), portanto, é um processo de incompletude e em permanente construção e mutação que acompanha o sujeito ao longo de toda a sua vida. Com base nessa reflexão, cabe ressaltar que

[...] A educação, objeto de investigação da Pedagogia, é um objeto inconcluso, histórico, que constitui o sujeito que o investiga e é por ele investigado. Por isso, será captado não na sua formalidade, mas sim na sua dialeticidade: no seu movimento, nas suas diferentes manifestações, como prática social, nas suas contradições, nos seus diferentes significados, nas suas diferentes direções, usos e finalidades. Será captado por diferentes mediações que revelam diferentes representações construídas sobre si (Pimenta, 2010, p. 35).

É na ação didática do fazer educativo e pedagógico no cotidiano de atuação profissional que o(a) pedagogo(a) consegue tecer a sua rede de relações intersubjetivas. É também na relação teoria-prática que o(a) professor(a) constrói valores, crenças, representações e significados de si, da vida, da formação e da profissão. São nas narrativas construídas, reveladas e refletidas nos momentos e acontecimentos vividos na cultura escolar que permite o exercício da reflexão sobre a prática e sobre si, o outro, o que faz e o que pensa; aspectos esses que são componentes fundamentais da Pedagogia, da Educação e da Didática.

Por isso, Pimenta (2010), por meio da citação acima, nos convoca a pensar na grandeza e na riqueza da construção da Pedagogia e da didática em uma ação refletida, permanente e inconclusa, a qual vai se tecendo na ação diária do convívio do(a) pedagogo(a) professor(a) em diferentes tempos históricos, com variadas pessoas e em diversos espaços e contextos vividos da vida, experiência e formação.

Os saberes didáticos e curriculares na formação inicial de professores(as) promovem pistas sobre a docência, mediante a problematização de casos e problemáticas de ensino, muitos dos quais pautados na realidade ou de situações fictícias acerca das práticas pedagógicas para pensar soluções nos processos de aprender e ensinar. Esses mesmos saberes e conhecimentos didáticos e curriculares provocam reflexões sobre o lugar e os papéis de alunos(as) e professores(as), a partir das finalidades a alcançar no tocante às aprendizagens a construir pelos(as) educandos(as), mediados pela ação docente; possibilitam construtos da didática e do ensino para o(a) professor(a) mobilizar em relação ao planejamento educacional; os conteúdos necessários ao ensino, e a avaliação da aprendizagem, as relações estabelecidas entre professor(a)/aluno(a), os recursos didáticos e pedagógicos a utilizar na aula e outros tantos elementos, que são componentes imprescindíveis da didática professoral.

E já que a discussão, neste texto, apresenta o campo da Pedagogia, os desafios e as possibilidades da formação de professores(as) na sociedade atual e situa a didática docente que se reflete nos modos de ser, pensar, saber e fazer professoral, questiono: qual é o papel do(a) pedagogo(a)? Acredito que essa seja uma relevante provocação, a qual permeia e atravessa o campo da docência, provoca a pensar os(as) formadores(as) de professores(as) e estudantes do curso de Pedagogia, licenciaturas e pesquisadores(as) na área. Então, situo esse questionamento ao trazer o campo de ação do(a) pedagogo(a) na escola, local esse que tem, por natureza, o contexto de atuação e desenvolvimento profissional docente da pessoa formada nessa área. Desse modo,

Ao pedagogo, educador por excelência, cabe a organização da escola, a reflexão sobre as ações desencadeadas, a composição dos elementos da filosofia, da educação que emergem da prática, a previsão de ações didáticas, o acompanhamento do papel do professor. Este será um executor em sala de aula da organização e dos fins pretendidos (Franco, 2008, p. 44).

O(a) pedagogo(a) é o(a) profissional responsável e habilitado(a) a ensinar, o qual desenvolve processos de aprender e ensinar, na construção de saberes didáticos, curriculares, avaliativos e formativos que envolve a docência, a prática pedagógica e a organização e desenvolvimento dos

conteúdos de ensino e aprendizagem, seja no âmbito escolar, como em outras instituições e com propósitos relacionados às atividades educativas com que se envolve.

Faz-se necessário que o(a) pedagogo(a) saiba do seu compromisso ético, político, formativo e sociocultural, por meio da sua atuação no contexto educacional, o qual requer, como dimensões imprescindíveis do componente da Pedagogia e da construção de saberes didáticos-curriculares, munir-se e dominar os conteúdos a ensinar aos(as) educandos(as) no cotidiano de sua prática pedagógica; ensinar valores, comportamentos e modos diversos de ser, viver, conviver em sociedade; trabalhar temáticas que façam sentido para as crianças, jovens ou adultos em que estiver promovendo suas ações e reflexões, enfim, essas e outras tantas questões que, no papel desse profissional, configura-se como complexo, desafiante, sensível e necessário.

É o(a) pedagogo(a), o(a) profissional responsável pela educação e formação das novas gerações, que poderá contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária, solidária, e aprender a conviver com a diversidade, diferença, singularidade e subjetividade. Conceitos-chave que representam o vigor e a vitalidade da educação–Pedagogia, didática, currículo, cultura e sociedade.

Trazer as narrativas com relatos de experiências que fomentem essas temáticas na educação e formação docente, pode ser uma via indispensável de transformação desses sujeitos que estarão formando outros mais e que serão responsáveis pela continuidade do projeto de nação, educação, Pedagogia, humanidade e sociedade. Daí a importância de desenvolver uma Pedagogia narrativa, em que as pessoas olhem para si e contam suas histórias, bem como ativem suas memórias para narrar acontecimentos que tenham vivido com relevância e tenha deixado marcas, e que sinalizem para aprendizagens valorosas e significativas no processo formativo docente. Questões essas melhor explicitadas a seguir.

CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA NARRATIVA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS) E NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A Pedagogia narrativa consiste em um processo de formação e aprendizagem, mediatizada pela tessitura de histórias de vida e narrativas (auto)biográficas, nas quais os sujeitos refletem sobre si, o que pensam, fazem, sabem e são, criando possibilidades de transformação, (auto)formação e construção de saberes e conhecimentos pela reflexividade narrativa.

Cabe salientar, então, que a reflexividade narrativa, neste texto, é “[...] entendida como a capacidade de o sujeito operar com diversas linguagens para se constituir um si mesmo, ao tempo em que dá sentido às suas experiências, às suas aprendizagens e até mesmo reconhecer seus fracassos nessas tentativas” (Passeggi, 2021, p. 96)

A Pedagogia narrativa vem sendo discutida, no Brasil, por alguns pesquisadores(as) do campo (auto)biográfico como Moraes, Martins e Bragança (2021) que a situam no contexto da docência universitária, e, a partir das contribuições de alguns estudiosos que produziram essa perspectiva em

seus escritos, como o elaborado por Paulo Freire, em meados da década de 1960, e que transcorreu nas décadas posteriores, por intermédio de narração de histórias, escritas de cartas e modos outros de expressão da experiência vivida pelas escritas de si em diálogo com professores e professoras; muitas dessas conversas tecidas nos cotidianos escolares.

Um dos conceitos relevantes de Pedagogia narrativa e que se articula, intrinsecamente, a este texto, condiz com a seguinte citação:

Estamos entendendo a pedagogia narrativa como um processo de produção de si e do outro por meio de uma tessitura narrativa (auto)biográfica, que o sujeito constrói cotidianamente, fruto de suas relações estabelecidas no meio cultural, social, político e educacional, ao se engajar numa luta e reconhecimento de si pela narrativa (Morais; Martins; Bragança, 2021, p. 160).

Trata-se, portanto, de uma Pedagogia que se mune de processos de narração de histórias produzidas em contextos acadêmicos, formativos e socioprofissionais, culturais, e outros tantos, na docência ou no contexto da formação de professores(as), os(as) quais são provocados(as) a exercitar a memória, refletir e a produzir um saber didático empreendido pelas pessoas engajadas nesses contextos ao contar de si, mas também do que fazem, pensam, são e estão sendo, como também do que desejam ser, chegar, fazer, saber, entremeados com projetos de vida, temporalidades vividas da formação, ao longo do tempo, e perspectivas a trilhar.

Na Pedagogia narrativa, suas proposições e princípios estão subjacentes à composição de um conjunto de elementos que entram em cena na narração, a didática de professores(as) em suas práticas pedagógicas, mas não somente isso, ultrapassa os modos de saber e fazer da docência, na medida em que o sujeito se põe a refletir nas buscas do ser professor(a), aliando as temporalidades do passado, presente e futuro pela narração das suas histórias.

Processo de narrar esse que é constituído de sensibilidade, deleite e emoção, nos quais, a pessoa que narra, se vê refletida em suas histórias, como também se envolve e se deixa embalar nas histórias contadas por outro, por meio de uma escuta sensível, em coletivo e em partilha.

Alguns dispositivos metodológicos podem ser fundamentais para que essa Pedagogia narrativa aconteça e seja desenvolvida na formação inicial de professores(as) e que poderão subsidiar a prática pedagógica, tais como, as escritas narrativas produzidas, por meio de: diários reflexivos, memorial de formação, cartas, histórias de vida, fotografias, entre outros. Ao usar esses modos de registro da experiência vivida, o(a) professor(a) pode provocar os(as) estudantes na formação universitária, a pensar os seus próprios percursos trilhados, ao longo da sua vida, que conseguem se lembrar pelo fio da memória, propor uma forma de externar o saber ou o conhecimento refletivo pelas escritas de si, ou contação de histórias, e endossar os registros, por meio de diferentes formas, que possam ser lidos, contados, debatidos e refletidos coletivamente com outros colegas de turma, ou mesmo com o(a) professor(a) formador(a).

Enfim, são inúmeras as possibilidades que podem ser descortinadas com os usos das escritas narrativas e (auto)biográficas na formação de professores(as) e na prática docente. Trouxe

alguns desses exemplos, porque têm sido meios, os quais tenho utilizado no curso de Pedagogia, no qual atuo, e que tem significado muito nesse contexto, tanto em termos de aprendizagens, como de construção de conhecimentos que, tanto eu, como professor formador, venho tecendo, como os(as) estudantes aspirantes a professor(a) estão delineando, em curso, no movimento de pensarem a si, a sua formação e a sua profissão, futuramente.

Trazer a narrativa reflexiva, como um dispositivo metodológico no contexto da formação inicial de professores(as) no curso de Pedagogia, com uma escrita pessoal e outros modos de expressão da experiência vivida pela narração de histórias, é uma oportunidade fundamental de provocar as pessoas a pensar sobre si, o que foi formativo ao longo de sua existência, buscando estabelecer relações com seus percursos formativos que está trilhando, bem como se projetar no futuro, quando estiverem atuando profissionalmente como professores(as) pedagogos(as) ou em outros tantos campos de atuação desta área.

É no movimento de pensar a formação de professores(as) pela reflexividade narrativa, em que muitos conhecimentos e aprendizagens são tecidas pelo fio da narração de histórias, e que se assenta um outro tipo de saber didático, curricular e pedagógico que ultrapassa as formas clássicas e hegemônicas de produção de saber. Assim, na Pedagogia narrativa, “[...] O saber narrativo é o que retorna continuamente à história, para continuar pensando com ela, para escavar novas camadas, para nos tornarmos mais sensíveis ao que ela nos mostra e à experiência que evoca” (Contreras; Quiles-Fernández; Paredes, 2019, p. 65. Tradução livre).

Esses tempos e espaços de constituição da docência com o uso da reflexividade narrativa são imprescindíveis para a criação de outras tantas possibilidades de fortalecimento da formação docente e da prática profissional na carreira do magistério, em que, o exercício do pensar se torna um meio privilegiado de construção de outros referenciais que possam ganhar resolutividade na formação e na profissão, a fim de que sejam resolvidas problemáticas que permeiam a profissão docente, em seus mais diversos modos de atravessamentos.

Assim, as narrativas são construídas durante os percursos formativos na formação universitária e na aprendizagem da docência, as quais podem se tecer em diversos modos do saber, fazer, ser relacionados à docência, formação, práticas de ensino, processos avaliativos, recursos de ensino e outros tantos elementos que compõem a didática de professores(as) no cotidiano profissional.

Cabe, portanto, ressaltar a riqueza, o propósito e a contribuição da Pedagogia narrativa no contexto da formação inicial de professores(as) a que se propõe este texto, isto é:

[...] uma Pedagogia narrativa para a formação de professores pode ser entendida como uma atenção especial ao desenvolvimento em nossos alunos de seus saberes docentes, entendido como um saber encarnado, em contínua configuração, levando em conta as vivências com as quais chegam, as experiências que podem dar-se durante a formação e as que imaginam e desejam para sua vida como professores (Contreras; Quiles-Fernández; Paredes, 2019, p. 67. Tradução livre).

Daí a importância de empreender e mobilizar uma Pedagogia narrativa na formação de professores(as), tendo em vista que as pessoas produzem um conhecimento e um saber de si e sobre si com base no que já fez, viveu e pensou, ao evocar e exercitar a memória (auto)biográfica, razão pela qual podem se envolver, engajar-se e atribuir mais sentido à sua formação, construindo aprendizagens que podem ser valorosas e significativas no processo formativo.

Alguns porquês dessa busca de si e o exercício reflexivo da formação docente pela narrativa e a construção de (auto)biografias podem ser lançados e provocados didática e metodologicamente pelo(a) professor(a), desde o início do curso, em suas aulas, com o uso de algumas questões, que considero fundamentais a serem problematizadas, tanto em forma de debates orais, como a proposição de escritas narrativas para serem lidas, discutidas e refletidas, tanto individual, quanto coletivamente. Questões essas, tais como: por que escolheu fazer o curso? Que acontecimentos vividos, por você, foram mais marcantes e significativos acerca das suas experiências escolares? Que influências e contribuições você teve para escolher fazer um curso de licenciatura? Como se vê hoje e como se via antes? Que professores(as) foram marcantes em sua vida e formação? E por quê? Que tipo de professor(a) deseja ser? Que discussões, reflexões e conhecimentos, você considera importantes mobilizar/construir na formação inicial de professores(as) que poderiam contribuir para sua formação? Entre outras.

Uma Pedagogia narrativa consiste na busca e na construção de um saber relacional, pautado pela experiência de professores(as) e alunos(as) em contextos de vida, políticos, socioculturais, educacionais, formativos e pedagógicos, em um processo tecido pela escuta e contação de histórias do ser, pensar, fazer e saber de si, do outro, do mundo e dos acontecimentos vividos individual e coletivamente, em diferentes temporalidades, com variados assuntos e com diversos modos de interpretação, compreensão e atribuição de sentidos, aprendizados e (auto)formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância de se falar em Pedagogia narrativa consiste em provocar outros modos de pensar a docência, a formação de professores(as) e as práticas pedagógicas docentes na promoção de aprendizagens que privilegiem os registros da experiência vivida pela pessoa, por meio dos dispositivos com narrativas e (auto)biografias.

Uma Pedagogia que, realmente, se pautar pelo processo de aprendizagem, mediatizado pelas escritas de si e de si com o outro em narrativas (auto)biográficas, e em outros diferentes modos de narrar o vivido e experienciado pelo sujeito, melhores são as chances de encontrar soluções para muitas problemáticas que podem surgir nos contextos educacionais, com o uso da reflexividade narrativa. Afinal de contas, o(a) professor(a) poderá usar da reflexão, de uma forma mais mergulhada, para pensar soluções e guiar projetos de futuro que tenham mais sentido e significado para si, para a escola e para seus(suas) alunos(as), em vista da construção de aprendizagens.

A Pedagogia narrativa na docência universitária no contexto da formação de professores(as) é aquela que se tece, por meio de processos didáticos e metodológicos com os usos das abordagens narrativas e (auto)biográficas, as quais primam por uma reflexividade, em que o próprio sujeito possa ser autor(a) e ator(atriz) de sua história ao contar e narrar de si, e de si em diálogo com os outros, tomando consciência dos percursos trilhados, impulsionando descobertas pela narração e permitindo (re)invenções de si, do outro, da sua prática pedagógica e de outros tantos contextos, sujeitos e de experiências que tenha passado ou construído.

É sobre esses postulados e modos outros de pensar a didática, a formação de professores(as) e a Pedagogia, entremeados às abordagens narrativas e (auto)biográficas, que este trabalho buscou provocar, já que, por meio de uma Pedagogia narrativa poderiam se tecer outras tantas formas de saber, aprender, conhecer e formar pela atividade e prática da narração de histórias. Um saber e conhecimento mediatizado pelas reflexões de si e de si com o outro, de modo a ser tecido pela sensibilidade, com deleite, envolvimento, implicação e emoção.

Desenvolver uma Pedagogia narrativa com o uso do componente da reflexão tecida pelo (auto)biográfico, em que se implicam as práticas pedagógicas e educativas dos sujeitos em seus contextos de vida, formação e profissão, no caso da docência, e de quem está em processo formativo para se tornar professor(a), é primar por construir um tipo de educação, formação e Pedagogia que privilegia possibilidades outras de construção de uma sociedade mais plural e de uma educação pautada em um pensar que transforma vidas, alimenta esperanças e move sonhos.

Trata-se de uma Pedagogia sensível, humana e com sentido, em que os ganhos são significativos não somente para estudantes das licenciaturas e da Pedagogia que a produzem na narração de histórias, mas são dispositivos potentes, também, para os(as) formadores(as) de professores(as) que, além de enxergar os(as) narradores(as) como protagonistas das suas próprias histórias, encontram, sobretudo, nas escritas de si, modos outros de se ver, por meio do que narra o outro, atribuem sentidos da aprendizagem sinalizadas por eles(elas) em seus registros narrativos, e se emocionam, se deixam afetar e constroem conhecimentos e aprendizagens diversos, em coletivo e em partilha. Das narrativas emergem, portanto, outros saberes didáticos, pedagógicos, curriculares e formativos na/da docência e da formação de professores(as).

A Pedagogia narrativa é, portanto, um meio privilegiado de construção de outros tantos saberes didáticos e tessituras curriculares na formação de professores(as) e, em especial, no curso de Pedagogia, para além do que é instituído hegemonicamente e que representa o vigor e vitalidade da formação docente com esses dispositivos. Uma Pedagogia que se tece pela sensibilidade, ética, estética, razão e emoção com uma escuta sensível, dialógica e coletiva, em partilha que se compõe na tessitura da emancipação social, epistêmica e política-cultural das quais estudantes da docência, professores(as) formadores(as) e atuantes no desenvolvimento profissional docente no cotidiano das escolas e, em diálogo com os(as) alunos(as), poderiam dar outros rumos às suas próprias vidas

com a narração e a contação de histórias, bem como fazer descobertas inventivas, criativas e (trans) formadoras da sua existência.

REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, I. F. de S. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575114698>. Acesso em: 26 abr. 2024.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

CASTAMAN, A. S.; JUNGES JÚNIOR, M. L.; VIEIRA, J. de A. A formação inicial como espaço de descontração da experiência primeira: a construção do espírito científico do pedagogo. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, RS, Ahead of Print, v. 25, e020033, 2020. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/conjectura/v25/2178-4612-conjectura-25-e020033.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2024.

CONTRERAS, J.; QUILES-FERNÁNDEZ, E.; PAREDES, A. Una pedagogía narrativa para la formación del profesorado. **Márgenes, Revista de Educación de la Universidad de Málaga**, v. 0, n. 0, p. 58-75, 2019. Disponível em: <https://revistas.uma.es/index.php/mgn/article/view/6624/6130>. Acesso em: 26 abr. 2024.

DILTHEY, W. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas**. Tradução Marco Casanova. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

DELORY-MOMBERGER, C. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526/1711>. Acesso em: 05 maio 2024.

FRANCO, M. A. do R. S. **Pedagogia como ciência da educação**. 2.ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2008.

GOODSON, I. F. **Aprendizagem, currículo e política de vida: obras selecionadas de Ivor F. Goodson**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

HOUSSAYE, J. **Quinze pedagogos: textos selecionados**. 1. ed. Petrópolis, RJ: De Petrus et Alii, 2013.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

LIMA, J. F. L. de; CARVALHO, J. dos S. D. de. O curso de Pedagogia no Brasil e a formação do pedagogo em perspectiva histórica. **Debates em Educação**, v. 16, n. 38, 2024. Disponível em: <https://seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/16165>. Acesso em: 27 abr. 2024.

LIBÂNEO, J. C. **Ensinar e aprender, aprender e ensinar: o lugar da teoria e da prática em**

didática. *In.*: LIBÂNEO, J. C.; ALVES, N. (Orgs.). **Temas de pedagogia**: diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Cortez, 2012. p. 35-60.

MORAIS, J. de S.; MARTINS, H. A.; BRAGANÇA, I. F. de S. O desenvolvimento de uma pedagogia narrativa no Brasil: as contribuições de Paulo Freire. **Revista Teias**, v. 22, n. 67, out./dez. 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/62017/39924>. Acesso em: 25 abr. 2024.

NÓVOA, A. Os professores e suas histórias de vida. *In.*: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de Professores**. Coleção Ciências da Educação, v. 4. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007, p. 13-30.

NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

OLIVEIRA, I. B. de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis, RJ: DP et alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

PASSEGGI, M. da C.; SOUZA, E. C. de. O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. **Investigación qualitativa**, v. 2, n. 1 p. 6-26. 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/33544160/O_Movimento_Auto_Biogr%C3%A1fico_no_Brasil_Esbo%C3%A7o_de_suas_Configura%C3%A7%C3%B5es_no_Campo_Educacional. Acesso em: 29 abr. 2024.

PASSEGGI, M. da C. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador.

Revista Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 17, n. 44, p. 93-113, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8018/5528>. Acesso em: 25 abr. 2024.

PIMENTA, S. G. Epistemologia da prática resignificando a Didática. *In.*: PIMENTA, S. G.; FRANCO, M. A. S. F. (Orgs.). **Didática**: embates contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 2010. p. 15-41.

SEVERO, J. L. R. de L.; PIMENTA, S. G. Introdução à Pedagogia na formação inicial de pedagogas/os: uma proposta de componente curricular. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 29, n. 3, jul./set., 2022. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/19462>. Acesso em: 27 abr. 2024

SOUZA, E. C. de. Acompanhar e formar – mediar e iniciar: pesquisa (auto)biográfica e formação de formadores: *In.*: PASSEGGI, M. da C.; SILVA, V. B. da (Orgs.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 157-177.

COMO CITAR — APA

Morais, J. de S. (2024). Pedagogia narrativa, saberes didáticos e tessituras curriculares na formação inicial docente. *PARADIGMA*, *XLV*(Edición Temática 1), e2024026.
<https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2024.e2024026.id1572>

COMO CITAR — ABNT

MORAIS, Joelson de Sousa. Pedagogia narrativa, saberes didáticos e tessituras curriculares na formação inicial docente. **PARADIGMA**, Maracay, v. XLV, Edición Temática, n. 1, e2024026, Set., 2024.
<https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2024.e2024026.id1572>

HISTÓRICO

Submetido: 28 de abril de 2024.

Aprobado: 27 de julio de 2024.

Publicado: 30 de septiembre de 2024.

EDITOR

Fredy E. González 

ARBITROS

Dos árbitros evaluaron este manuscrito y no autorizaron la publicación de sus nombres